

Resenha bibliographica do anno

Foi um anno pouco fecundo para as lettras cearenses o de 1902.

No mundo moral, como no mundo physico, observa-se que apoz os grandes abalos, as profundas catastrophes, a natureza repousa por instantes para despertar alentando uma vida nova, com pujança revigorante para resarcir a actividade ou a riqueza perdidas.

As calamidades publicas e as revoluções são prodomos de uma phase de renovação. A mais nociva de todas as situações da vida de um povo é a apathia; — nada soffrer, nada tentar, nada progredir, é o mesmo que não viver. Infelizmente, esse enervamento moral vai atrophiando toda a vida nacional: e, apar com a indifferença publica pelos negocios politicos, vem a gana de fazer fortuna facilmente, o desbriamento do brazileiro, que já vai se tornando um typo *sui generis* no tocante a deveres civicos.

A explicação do desgraçado phenomeno existe na falta de alicerce das instituições republicanas, colhida no meio brazileiro sem a sazão precisa. Os velhos servidores da nação, em sua maioria, teem a tradição, o tirocinio de civismo que os obriga a ter honorabilidade que os afasta dos negocios publicos; e da indifferença de um lado e da irresponsabilidade do outro, surgiram a

anarchia religiosa, o esquecimento pelo direito do voto, o egoismo ignobil dos clavicularios dos nossos destinos.

Esta ligeira digressão occorre-nos ao analysar-mos a inercia actual da vida mental brazileira, inercia que entibia igualmente o meio cearense, como um eclypse deste sol que illumina toda a região do Cruzeiro.

As producções litterarias deste anno foram insignificantes, e de pouco valor entre nós.

Os intellectuaes ou absorvem-se na applicação da vida pratica, ou deixam cahir a penna descrentes dos seus proprios esforços, desilludidos pela victoria que na sociedade ganha somente quem mais rebaixe o caracter, quem menos noção tenha do que seja trabalhar pela communhão com desinteresse. E, entretanto, esse justo pessimismo concorre para que feneção os bons estimulos, e cedo se atrophiem as vocações promissoras.

Trescalando o perfume dos devaneios feminis, surgiu com o alvorecer deste anno o EM SONHO, uma linda brochura de 130 paginas, contendo phantazias e endeixas de uma alma artisticamente sonhadora: Alba Valdez, gentil pseudonymo da Snra. D. Maria Rodrigues, professora publica residente nesta cidade.

Estylo fluente, facil e delicado, concepção de um subjectivismo ceruleo, proprio da mulher sonhadora, eis os caracteristicos do EM SONHO São paginas de enlevos, ternas, porem monotonas pelo conjuncto; e da sua leitura resalta uma involuntaria insistencia de fallar de ideas inatingiveis, doentias, como aspirações que vão tocando á descrença.

Comquanto o livro deixe agradavel impressão ao leitor, melhor fôra que a pujante intellectualidade da auctora tivesse seguido outra orientação, dando (por exemplo) um livrinho de contos para a infancia. O lado pratico seria coroado de melhor exito.

FARFALHAS—é o titulo de um opusculo de 100 paginas approximadamente, com que o Snr. Julio Olympio fez a sua estréa no mundo da publicidade.

Versos e mais versos... eis toda actividade mental da mocidade cearense. Incontestavelmente os nossos rapazes revellão talento: mas, com pouco estudo e temperamento doentio pelas condições da raça e do clima, entregão-se á poesia, essa vasta arena onde todos teem o direito de dar vôos ao pensamento com a maior irresponsabilidade.

O Snr. Julio Olympio verseja com facilidade, tem bellas figuras; seu livro, porem, é uma parodia a si mesmo. Lido um soneto, todos estão lidos, por que o vocabulario é sempre o mesmo, a mellopéa a mesma, e mesma a rima.

A sua caracteristica é ser espontaneo; mas, conhecedor de muitos auctores nacionaes, incorre involuntariamente de vez em quando no grave defeito de affinidades de expressão.

Recommendamos, entretanto, ao leitor como joias de valor as producções: *Caim*, *Ultimo Tamoyo* e *Virgem morta*.

VIRGEM MORTA

Repicam sinos, tristes dobrando
Na capellinha branca de neve;
Homens e virgens trazem chorando
Um pobre esquife, pequeno e leve.

Num caixãosinho de azul celeste
Vem uma virgem adormecida;
Como é tão branca, de branco veste;
Quanta tristeza no olhar sem vida!

Como é bonita, como é singella
Naquelle frio, funereo leito!
Orna-lhe a fronte nivea capella,
Palmas de flores cobrem-lhe o peito.

Vendo seu rosto calmo e risonho,
A gente fica triste a scismar:
Talvez, quem sabe, que lindo sonho
A virgem morta vae a sonhar!...

CASTALDO – (Uma lição de mestre) – Costumes sertanejos—Leitura para todos—J. G. Dias Sobreira.

O popularissimo Snr. professor Sobreira, auctor de livros de instrucção, é incansavel nas locubrações litterarias.

Manifestou-se agora novellista com a publicação do CASTALDO, brochura de 90 paginas, encerrando uma historia joco-seria de costumes nortistas.

O estylo é frouxo, o vernaculo incorrecto e a idéa trivial

Sem processo de analyse ou observação, divorciado desse genero de litteratura, o Snr. Professor Sobreira a nenhum laurel fez jus com o seu ensaio de bellas lettras.

LIMBO—é o despretencioso titulo de um opusculo de versos do Snr. Romeu Mariz, jovem poeta parahybano, que, de passagem pelo Ceará, resolveu-se a editar em nosso meio a sua estréa litteraria.

Traz um ligeiro prefacio de Rodrigues de Carvalho; e, revelando os primeiros passos vacillantes do autor, pouco merito encerra afinal. Sem eschola, eivado de afinidades, e reminiscencias dos melhores poetas nacionaes, o LIMBO é apenas um documento de que o Snr. Romeu Mariz tem gosto pela poesia, e que com estudo e esmero, pode tornar-se ainda um poeta commum.

PELA REPUBLICA: um pamphleto de Themistocles Machado, com muitas dedicatorias e algumas paginas de versos em alexandrinos.

Vibra a corda patriotica, concitando a mocidade a pegar em armas para salvar a honra da Republica.

Como um protesto de revolta civica, pode ter merecimento, como obra de arte, não.

O burilador do *Myrtos* nada mais adiantou na conquista dos louros de poeta depois que publicou aquelle seu volume de versos, verdadeiramente inspirados.

O PELA REPUBLICA é apenas um brado de indignação contra as miserias dos homens, que desvirtuam o bello ideal republicano.

VERSOS ao Snr. Dr. Pedro Borges, Presidente do Estado do Ceará. Outro pamphleto de Themistocles Machado, enfeixando alexandrinos vibrantes.

Quanto ao valor puramente artistico, é do quilate do PELA REPUBLICA.

O POSITIVISMO do Snr. Major Gomes de Castro e as conferencias do P.e Dr. Julio Maria — O nosso illustrado con-socio o Snr. Dr. R. de Farias Brito, uma das mais fulgurantes e cultivadas cerebrações brazileiras actualmente, revoltado contra a falta de cortezia da injusta e acerba critica do Snr. Major Gomes de Castro ás conferencias religiosas do Rvm. Snr. P.e Dr. Julio Maria, analysou com muita proficiencia, em artigos publicados na *Provincia do Pará*, o valor da mesma critica, pulverisando a golpes de gigante os argumentos que em favor do positivismo adduziu o fanatico proselyto dessa seita.

Um amigo do laureado philosopho cearense mandou reproduzir em volume o conjuncto dos artigos, offerecendo ás nossas lettras um folheto de 52 paginas, diminuto pelo tamanho, mas grandioso pelos conceitos, simplicidade e correcção do estylo.

O Snr. Dr. Farias Brito que, aliás, não abraça o espiritualismo da religião catholica, demonstrou a falta

de base da theoria de Augusto Comte, util como disciplina social, mas infelizmente deturpada pela maioria dos seus adeptos no Brazil.

O auctor da *Finalidade do Mundo* evidenciou as bellezas e as incongruencias do positivismo, e acabou por affirmar que a sciencia philosophica carece tambem do lado subjectivo, esse eterno ponto de interrogação, que é o *fieri* eterno da natureza, que não pode ser, sequer, esborcinado pelos mais arraigados demolidores do que de mais bello existe nas concepções humanas: o ideal. O monismo ou o dualismo, a metaphysica de Kant ou o materialismo spenceriano, todos vão esbarrar «no resto que se não explica»; e este resto nada mais é do que o Deus luminoso dos Escholasticos, ou o Deus luz e vibração dos ideologos modernos.

Que tenhão razão os que, como o inspirado orador sacro Julio Maria, apregoão a moral pela religião do meigo Nazareno, ou, os que, como Augusto Comte, cultivaram-n'a pela sciencia; o resultado será o mesmo, a differença é que, emquanto aquelles suavisão as asperesas do caminho pelas miragens consoladoras da fé, estes canção a retina com a brutalidade crua da positividade das cousas.

Entre as duas theorias que conduzem a um mesmo ponto, é preferivel a do idealismo, tão bellamente tratada pelo erudito auctor da *Finalidade do Mundo*, debaixo desta formula «Deus é a luz».

Emfim, a critica do Snr. Major Gomes de Castro teve um duplo merito: dar maior realce ás conferencias do consagrado orador sacro, e offerecer opportunidade ao philosopho cearense para conquistar maior renome como espirito de eleição, que é.

O Conde d'Eu—seu caracter, viagem ao Ceará por J. Brigido.

Quem tem o espirito entediado com a leitura de prosa chilra, e os ouvidos aturdidos com o zumbido dos máos poetas, descança por instantes, saturando-se de

conceitos sadios, estylo abundante e correcto, lendo esse opusculo do decano da imprensa cearense, o Snr. J. Brigido.

Não indaguemos se ha muita verdade apurada de extremo a extremo do livro, por que a vida do Conde d'Eu só agora começa a ser estudada; mas um facto incontestavel, e de merito real, é que á tona da publicidade apparece um assumpto inedito, interessantissimo para ser convenientemente compendiado na historia patria.

E' meritoria a obra encetada por J. Brigido, que iniciando simples artigos de jornal pelas columnas da *Reforma*, refundiu o seu trabalho, ampliando-o, conseguindo dar realce ao nome do Conde d'Eu, antipathicamente julgado até então por todos os brazileiros que tinhão a baratissima presumpção civica de se não deixarem governar por um estrangeiro.

A publicação citada estuda o caracter do Principe herdeiro, começando pelos phenomenos atavicos; dá um lance de vista sobre os dois reinados da monarchia brazileira; prova por meio de cifras a vil calumnia que fazia do Conde d'Eu um vil locador de *cortiços;* leva-o ao campo de batalha, desannuviando a lenda de cobardia que pezava sobre o seu nome; acompanha-o na sua excursão ao norte, particularisando o Ceará; e termina pela reivindicação de amigo do Brazil, que a historia tem o dever de reconhecer.

Para solidificar a sua lisongeira opinião, o laureado jornalista J. Brigido insere uma carta do Snr. Dr. José Lino da Justa, sincera e bem elaborada, muito digna da publicação de que faz parte.

O maior desaffecto do Conde d'Eu, o que possa descobrir mesmo vislumbres de piedade do escriptor para com o Principe exilado, não deixará de reconhecer o alcance do opusculo de que nos occupamos; por que elle é, sobre tudo, um palpitante documento de que nem todos que adheriram á republica tiveram a ingratidão do esquecimento para com os dominadores de hontem.

Os cultores da historia patria teem no *Conde d'Eu* uma extensa meada por onde poderão chegar a verdades interessantissimas.

SANTOS DUMONT E OS ESPAÇOS, por F. Silverio.

O auctor dos «Chromos», poeta singello e popular, feliz em photographar na rima as scenas mais triviaes do meio em que vivemos, encheu-se de enthusiasmo pelos triumphos do notavel aeronauta brazileiro Santos Dumont, e entendeu fazer-lhe uma apotheose, guindando-o na hyperbole do verso. Como obra de arte, o livrinho de Silverio deixa muito a desejar: o assumpto emmaranha-se n'uns arrebatamentos scientificos e philosophicos, conduzindo o auctor ao naufragio inevitavel de quem, sem a solidez precisa, busca fazer sciencia e philosophia em verso.

O talento poetico do auctor revela-se aqui e alli, a sossobrar em taes funduras, o que importa dizer que, se fosse empregado em concepção menos complexa, teria um exito mais evidente.

AMARYLLIS, versos de Telles de Souza.

E' mais uma prova de quanto são dotados de talento os moços do Ceará. Trata-se de um modesto empregado do commercio, educado sob o regimen atrophiante dos deveres mercantis, e que, alem da condição de caixeiro, andou cumprindo a sorte commum dos cearenses: perigrinar pela Amazonia, tentando fortuna e envenenando a saude. Telles de Souza é poeta expontaneo, sem os atavios da moda, com um condemnavel defeito: render preito ao inolvidavel condoreirismo de Castro Alves.

Tem sinceridade, doçura no rythmo e boa concepção.

Quando liberta-se da melopéa retumbante da decahida eschola de 1870, apresenta duas bellas facetas abonadoras de um estro fecundo: é camoneano nas quatorze cadeias de um soneto, e cantor feliz das nossas

encantadoras lendas. O *Amor* (adiante transcripto) póde ser incluido na collectanea mais selecta da lingua portugueza; e a *Yára*—lenda amazonense—impõe-se como a prova documental de que o seu cantor está no caso de preencher a sensivel lacuna de nossas lettras quanto ao esquecimento em que jazem as ricas lendas e tradições aborigenes.

O *Amaryllis* é prefaciado pelo nosso con-socio Antonio Bezerra de Menezes, poeta e historiador, que, reunindo no coração todas as fibras do Ceará, concita Telles de Souza a abandonar a poesia banal dos *sonetoides*, e dedicar-se a cantar esta natureza eternamente illuminada, e as nossas legendas infinitamente repassadas de poesia e amor.

São nossos votos que o talentoso poeta tome o conselho do mestre.

AMOR

Amor, o que és?—um pérfido tyranno!
Mixto de aroma e mel e de amargura,
Gosto e desgosto, engano e desengano,
Prazer e dor, ventura e desventura.

E's poderoso e forte, e, soberano,
Reinas no coração da creatura...
Mysterioso filho de um arcano...
A Vida, a Morte, o berço, a sepultura!

Por ti o pranto se transforma em riso,
O riso em dor, a dor em paraiso,
O paraiso em bárathro profundo!

Pesadêlo cruel! sonho dourado!
—Se houver no Mundo quem não tenha amado
Será, de certo, o mais feliz do Mundo!...

MANOEL FELICIO—Galdino Chaves—Baturité.

O cabecilha das revoltas amazonenses, o destemido

e inditoso Manoel Felicio Maciel, teve no Snr. Galdino Chaves um piedoso amigo. A sua biographia, os traços mais salientes da agitada existencia do valente cearense, não ficarão no olvido; embora em humilde brochura, ahi restarão como subsidio a quem tenha de mais tarde estudar as chronicas de sangue e miserias do menlaz e fabuloso Amazonas.

Poemas Sentidos—Arthur Bomilcar.

Mais um poeta a alistar-se entre a numerosa pleiade que em nossa terra cultiva a rima com habilidade e bom-gosto, e que póde aliás tirar melhor proveito dos seus bellos dons de intelligencia em assumptos de resultado mais pratico.

Não é necessario dizer muito sobre um livro de versos. O poeta conhece a arte, tem inspiração e originalidade. Canta o amor, as desillusões, a saudade, e essa vaga nostalgia de um mundo que ninguem sabe onde existe, propria de certos temperamentos doentios por terem sensibilidade de mais.

Bomilcar é um romantico entre os decadistas. O luar do amor brilha nas paginas do *Poemas Sentidos*, como o luar dorido do inverno pratêa melancholicamente as frondes de um bosque de cyprestes.

A nossa missão não é fazer critica nessa resenha; é, registrando as publicações, externar ligeiramente impressões de leitura.

O alvorecer de 1903 terá no Ceará uma promissora colheita de trabalhos literarios: O *Cancioneiro do Norte*, de Rodrigues de Carvalho (no prelo); a *Casa mal-Assombrada*, poemeto, de Alvaro Martins (tambem no prelo); a 2.ª edição das Scenas Populares do notavel poeta cearense Juvenal Galeno (tambem a imprimir-se), e o romance de Papi Junior *Gemeos*.

Já é uma boa nova ao leitor; e não será immodestia dar como boa nova: pois trata-se de uma colheita li-

teraria que tem por fim accentuar a vida do norte, e deixar bem patente que não é só na Capital da Republica (onde os intellectuaes teem allianças offensivas e defensivas para o elogio mutuo) que existem escriptores. Esta futura serie de publicações corresponde ao proposito que desde certo tempo nutre o Centro Literario de perpetuar pela arte as tradições populares, os costumes, os scenarios, da fecunda região nortista do Paiz.

Alvaro Martins canta as praias e o sertão nos seus livros: *Pescadores da Tahyba*, *Agonia Suprema*, e *Casa Mal-Assombrada;* Rodrigues de Carvalho enfeixa no seu *Poema de Maio* a vida e costumes da zona ao sopé da Borburema; offerece fecundo subsidio para o *Folk-lore* brazileiro, com o seu *Cancioneiro do Norte;* Papi Junior publica o *Simas*, photographando a vida actual do Ceará em contacto com a Amazonia; e para provar que pelos Estados ha quem conheça de perto as escrabosidades do meio fluminense, estampa no *Gemeos* o Rio de Janeiro de 20 annos passados; Juvenal Galeno arranca de seu thezouro literario uma joia ao caso, refundindo-a para melhor accentuar a poesia do simples viver do norte.

Bem se vê que ha um plano para uma literatura muito nossa, moldada sobre a ethnographia, o meio ambiente e a civilisação, emfim.

O anno de 1903 é o em que o Ceará commemora o tri-centenario de seu povoamento pelos colonisadores; essa commemoração exige uma unica solemnidade: que os homens de letras envidem todos os esforços para que a historia, a industria, as sciencias, as artes, emfim todos os ramos de actividade sejão tratados condignamente.

A mocidade e os que já teem a meditação attestada pelos cabellos brancos, devem considerar bem que o documento a transmittir ás gerações futuras sobre as condições actuaes do Ceará necessita ser, quando menos, a copia do grande amor que a elle devotamos.

RODRIGUES DE CARVALHO.

